

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE ONCOLÓGICO EM CUIDADOS PALIATIVOS: ABORDAGENS, DESAFIOS E IMPACTO NA QUALIDADE DE VIDA

THE ROLE OF THE NURSES IN ASSISTANCE TO ONCOLOGICAL PATIENTS IN PALLIATIVE CARE: APPROACHES, CHALLENGES AND IMPACT ON QUALITY OF LIFE

Iasmin Santos Abobreira¹
Dênis Albuquerque Silva Dias²

RESUMO: O câncer é uma das principais causas de mortalidade no mundo e impõe desafios significativos aos sistemas de saúde. Quando a cura não é mais possível, os cuidados paliativos emergem como abordagem fundamental para garantir qualidade de vida aos pacientes. Este trabalho teve como objetivo identificar as estratégias adotadas por enfermeiros no manejo da dor e no suporte emocional de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio da busca de artigos nas bases de dados SciELO, LILACS e BDENF, utilizando os descritores "cuidados paliativos", "enfermagem", "dor" e "apoio emocional". Os estudos selecionados evidenciaram que os enfermeiros utilizam, além do controle farmacológico da dor, estratégias como escuta ativa, acolhimento, comunicação eficaz e suporte à família. Conclui-se que a atuação do enfermeiro é essencial no contexto dos cuidados paliativos, sendo necessário preparo técnico, sensibilidade humana e apoio institucional para enfrentar os desafios dessa prática.

2105

Palavras-chave: Cuidados paliativos. Enfermagem. Dor. Apoio emocional. Câncer.

ABSTRACT: Cancer is one of the main causes of mortality worldwide and poses major challenges to healthcare systems. When healing is no longer possible, palliative care becomes a key approach to ensuring patients' quality of life. This study aimed to identify the strategies used by nurses in pain management and emotional support for cancer patients in palliative care. An integrative literature review was conducted through a search in the SciELO, LILACS, and BDENF databases, using the descriptors "palliative care", "nursing", "pain", and "emotional support". The selected studies revealed that, in addition to pharmacological pain control, nurses adopt strategies such as active listening, emotional welcoming, effective communication, and family support. It is concluded that nursing plays a crucial role in palliative care, requiring technical competence, human sensitivity, and institutional support to face the challenges of this practice.

Keywords: Palliative care. Nursing. Pain. Emotional support. Cancer.

¹Discente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia.

²Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia. Mestre em Terapia Intensiva- SOBRATI. Especialista em Urgência e Emergência- Faculdade Madre Thaís.

I INTRODUÇÃO

O câncer tem sido, ao longo dos anos, uma das principais causas de morbidade e mortalidade em diversas partes do mundo, caracterizando-se por mais de cem tipos de neoplasias. Esse grupo de doenças é marcado pelo crescimento desordenado das células, que se multiplicam de maneira descontrolada e podem se disseminar para outros órgãos e tecidos do corpo (INCA, 2022).

No Brasil, o Instituto Nacional do Câncer (INCA) estimou que, entre 2020 e 2022, surgiram aproximadamente 625 mil novos casos por ano, o que evidencia o crescente impacto dessa condição na população (Brasil, 2020). Com o diagnóstico, especialmente nos estágios mais avançados, surge também uma significativa carga emocional e psicológica, tanto para os pacientes quanto para os seus familiares. Nesse contexto, os cuidados paliativos desempenham um papel crucial, buscando proporcionar qualidade de vida, alívio da dor e suporte integral, independentemente das chances de cura (Bergamasco; Ângelo, 2021).

O controle da dor é um dos maiores desafios enfrentados pelos pacientes com câncer em estágio avançado, atingindo cerca de 80% dessa população. A dor, de natureza nociceptiva ou neuropática, compromete não apenas o bem-estar físico dos pacientes, mas também sua qualidade de vida. Para que o alívio da dor seja eficaz, é imprescindível adotar uma abordagem multidisciplinar, que combine intervenções farmacológicas e terapias complementares, sempre com foco no conforto e no alívio dos sintomas (Klaumann et al., 2008). Nos cuidados paliativos, essa abordagem busca garantir que, além de controlar a dor, o paciente tenha um suporte integral para enfrentar os desafios físicos, emocionais e psicológicos impostos pela doença.

Além do manejo da dor, os cuidados paliativos também envolvem o suporte emocional, psicológico e espiritual do paciente e de sua família. Nesse cenário, o enfermeiro desempenha um papel fundamental, como integrante essencial da equipe multiprofissional, ao oferecer cuidados humanizados e personalizados. A atuação do enfermeiro deve ser pautada em uma prática que contemple não só a competência técnica e científica, mas também uma abordagem sensível às necessidades individuais de cada paciente e seus familiares, garantindo dignidade e conforto no fim da vida (Matsumoto, 2012; COFEN, 2017). O cuidado holístico, com ênfase no acolhimento, se torna vital para que o paciente vivencie seus últimos momentos com qualidade de vida e sem sofrimento desnecessário.

Entretanto, a realidade dos cuidados paliativos no Brasil enfrenta muitos desafios, incluindo a escassez de recursos e a falta de capacitação adequada dos profissionais de saúde. Essas dificuldades, juntamente com as limitações estruturais dos serviços, comprometem a oferta de cuidados paliativos de qualidade a todos os pacientes que deles necessitam (Dande et al., 2022).

Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2018), em diversas regiões, o manejo da dor e o suporte emocional continuam sendo negligenciados, o que revela a urgente necessidade de uma formação mais robusta e de práticas mais eficazes para os enfermeiros. Assim, é essencial investigar as estratégias adotadas pelos enfermeiros no cuidado de pacientes oncológicos em cuidados paliativos, para identificar abordagens que possam ser melhoradas e implementadas de forma a superar as barreiras e garantir um atendimento digno e humano. Quais estratégias os enfermeiros utilizam no manejo da dor e no apoio emocional de pacientes oncológicos em cuidados paliativos?

A hipótese levantada é que os enfermeiros empregam uma combinação de abordagens, incluindo tratamentos medicamentosos e terapias não farmacológicas, para proporcionar um cuidado integral, que visa ao bem-estar físico e psicológico dos pacientes, promovendo conforto até o fim da vida.

2107

Este estudo justifica-se pela sua relevância social e acadêmica. Socialmente, o aumento no número de casos de câncer e a crescente demanda por cuidados paliativos tornam essencial a reflexão sobre a formação dos profissionais de saúde, a fim de proporcionar um atendimento mais eficiente e humanizado. Além disso, a pesquisa pode contribuir para a conscientização sobre a importância de uma abordagem integrada, auxiliando na formulação de políticas públicas mais eficazes voltadas aos cuidados paliativos no Brasil (Ribeiro et al., 2020).

O objetivo geral deste estudo é analisar as estratégias utilizadas pelos enfermeiros no manejo da dor e no apoio emocional de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Para isso, os objetivos específicos são: identificar as principais estratégias utilizadas pelos enfermeiros para controlar a dor em pacientes oncológicos; compreender os desafios enfrentados pelos enfermeiros no cuidado de pacientes em estágio terminal; e avaliar como as ações da equipe de enfermagem influenciam a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares durante o processo de cuidados paliativos. A pesquisa visa, assim, contribuir para práticas mais eficazes e

humanizadas, melhorando a qualidade do atendimento e o bem-estar dos pacientes e de seus familiares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Fisiopatologia

O câncer é uma doença caracterizada pelo crescimento descontrolado de células anormais que podem invadir tecidos e órgãos saudáveis (INCA, 2022), levando a diversas complicações. Essa desregulação celular resulta de mutações genéticas, que podem ser induzidas por fatores ambientais, comportamentais ou hereditários. O câncer pode se manifestar em diferentes partes do corpo, originando diversos tipos, como câncer de pulmão, mama, próstata, entre outros.

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2022), "câncer é um termo que abrange mais de 100 diferentes tipos de doenças malignas que têm em comum o crescimento desordenado de células, que podem invadir tecidos adjacentes ou órgãos à distância" Essa definição enfatiza a diversidade do câncer e a complexidade de seu tratamento e diagnóstico.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2025), há fatores internos, como o estresse genotóxico, obesidade, envelhecimento, predisposições hereditárias, histórico reprodutivo, alterações no sistema imunológico, etnia/ancestralidade, sexo biológico e excesso de hormônios, além de fatores externos, como exposição à radiação ionizante, raios UVA e UVB, tabagismo, alimentação, uso de hormônios orais ou injetáveis, infecções virais e consumo de álcool, que podem provocar danos ao DNA celular.

O surgimento do câncer depende da intensidade e da duração da exposição das células aos agentes causadores de câncer. Por exemplo, o risco de uma pessoa desenvolver câncer de pulmão é diretamente proporcional ao número de cigarros fumados por dia e ao número de anos em que ela fuma ou já fumou (INCA, 2020).

Segundo as pesquisas, o câncer é classificado como avançado ou terminal quando os exames indicam que o tumor já afetou a maior parte do órgão ou quando os tratamentos e medicamentos não apresentam os resultados esperados. Nessa fase, o câncer não responde mais ao tratamento e continua a se espalhar para outros órgãos, tornando impossível seu controle. Diante dessa situação, os médicos recomendam cuidados paliativos para aliviar a dor e o sofrimento do paciente (BRASIL, 2019).

2.2 Definição e Princípios dos cuidados paliativos

Os cuidados paliativos são uma abordagem que busca oferecer conforto e qualidade de vida a pacientes com doenças crônicas, progressivas e que ameaçam a vida, focando no alívio do sofrimento físico, emocional e espiritual. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), essa prática é definida como uma forma de melhorar a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias, enfrentando os desafios de doenças graves por meio da prevenção e do alívio do sofrimento, com atenção à dor e a outros sintomas (ANCP, 2012). Diferente do modelo biomédico tradicional, que prioriza a cura, os cuidados paliativos concentram-se no bem-estar e no conforto do paciente, mesmo quando a cura não é mais possível (Finn; Malhotra, 2019).

Os princípios dos cuidados paliativos, reafirmados pela OMS em 2002, baseiam-se em uma abordagem humanizada e integral, que busca aliviar a dor e outros sintomas incômodos por meio de tratamentos medicamentosos e terapias complementares, além de considerar aspectos emocionais e espirituais (Costa; Othero, 2014). Esses cuidados têm como objetivo valorizar a vida, encarando a morte como um processo natural, e garantir que o paciente viva com dignidade e qualidade, mesmo diante de uma doença sem cura (ANCP, 2012). Um dos fundamentos mais importantes é não apressar nem prolongar a morte, evitando práticas como a eutanásia e intervenções excessivas, assegurando um fim de vida respeitoso e sem sofrimento desnecessário (Costa; Othero, 2014).

2109

É fundamental integrar os aspectos psicológicos e espirituais no cuidado, já que a doença traz perdas profundas que afetam a autonomia, a autoestima e o equilíbrio emocional tanto do paciente quanto de sua família (ANCP, 2012). Outro ponto crucial é garantir que o paciente possa viver de forma ativa e digna até o fim da vida, com acesso a serviços, medicamentos e recursos que reduzam o sofrimento e promovam conforto (Costa; Othero, 2014). Além disso, os cuidados paliativos também envolvem o apoio à família durante a doença e no processo de luto, reconhecendo que o sofrimento não se limita ao paciente, mas também atinge seus entes queridos, que necessitam de suporte emocional e prático para enfrentar esse período desafiador (ANCP, 2012).

No Brasil, os cuidados paliativos começaram a se consolidar na década de 1980, com a criação de serviços pioneiros, como o Serviço de Dor e Cuidados Paliativos no Hospital das

Clínicas de Porto Alegre, em 1983, e o Serviço de Dor da Santa Casa de São Paulo, em 1986 (Maciel et al., 2006).

No entanto, ainda existem desafios consideráveis, como a falta de capacitação adequada dos profissionais de saúde, as barreiras no acesso a medicamentos essenciais e a resistência cultural em lidar com a terminalidade (Rodrigues, 2004).

A Política Nacional de Atenção Oncológica, de 2005, e a Resolução nº 41/2018, que define diretrizes para os cuidados paliativos no SUS, são avanços importantes, mas ainda insuficientes para atender à crescente demanda por esse tipo de assistência (Brasil, 2005; Brasil, 2018).

2.3 Estratégias de Implementação dos Cuidados Paliativos na APS

Segundo Mendes, Gonçalves e Souza (2012), a inserção dos cuidados paliativos na Atenção Primária à Saúde (APS) exige estratégias que considerem a integralidade do cuidado e a realidade das equipes de saúde da família. A Política Nacional de Atenção Básica reconhece a APS como a porta de entrada do sistema de saúde, destacando sua importância na coordenação e continuidade do cuidado ao longo do tempo (Brasil, 2017). Essa posição estratégica permite que as equipes da APS acompanhem de perto pacientes em situação de sofrimento crônico e avançado, promovendo alívio dos sintomas e assistência humanizada em unidades de saúde ou nos próprios lares dos pacientes (Floriani & Schramm, 2004). A criação de vínculos sólidos com pacientes, familiares e cuidadores é uma peça-chave para que o cuidado paliativo aconteça com dignidade e empatia (Souza et al., 2015).

2110

Para fortalecer essa prática na APS, é necessário superar obstáculos que ainda limitam sua efetividade. Entre eles, destaca-se a visão curativa predominante, que impede o reconhecimento precoce da necessidade de cuidados paliativos (Silva et al., 2022). Muitos profissionais ainda associam o cuidado paliativo ao momento final da vida, retardando intervenções que poderiam melhorar a qualidade de vida desde o início do diagnóstico de doenças crônicas graves (Hoffmann et al., 2023). Além disso, é imprescindível capacitar as equipes para identificar pacientes elegíveis e lidar com a comunicação de más notícias, respeitando o desejo de cada paciente quanto à sua condição de saúde (Souza et al., 2015). O fortalecimento da comunicação entre os diferentes níveis de atenção e a ampliação do apoio psicológico são ações centrais para ampliar a cobertura e a efetividade dos cuidados (Silva et al., 2022).

No cenário internacional, a Organização Mundial da Saúde já reconhece a importância dos cuidados paliativos como parte da atenção contínua à saúde, e recomenda políticas que contemplem sua inclusão no sistema de saúde, educação profissional e acesso a medicamentos essenciais (WHO, 2021; Ugarte, 2014). No Brasil, a Resolução nº 41/2018 foi um avanço ao definir os cuidados paliativos como uma abordagem multidisciplinar que visa aliviar o sofrimento e promover a qualidade de vida dos pacientes e familiares diante de doenças que ameaçam a vida (Brasil, 2018). Essa resolução também destaca três eixos fundamentais para sua implementação: integração ao SUS, capacitação das equipes e acesso a tratamentos e medicamentos (Shaefer, 2019).

A atuação da enfermagem é um pilar essencial dentro dessa rede de cuidados. Os profissionais da área têm a responsabilidade ética de assistir o paciente de maneira integral em todas as fases da vida, inclusive no processo de morrer (COFEN, 2017). Por sua proximidade com o cotidiano do paciente, o enfermeiro exerce um papel sensível na escuta, manejo de sintomas e no suporte emocional ao paciente e sua família. O conhecimento em educação em saúde, comunicação efetiva e cuidado no fim da vida torna esses profissionais fundamentais para garantir que o processo de morrer ocorra com dignidade e conforto (Conselho Federal de Enfermagem, 2017).

2111

Iniciativas como o programa “Melhor em Casa” do Ministério da Saúde reforçam a relevância da atenção domiciliar como uma forma de garantir continuidade ao cuidado paliativo na APS, especialmente para pacientes em fase terminal (MS, 2020). A implementação de estratégias eficazes para os cuidados paliativos deve envolver ações intersetoriais, capacitação permanente das equipes, e fortalecimento da rede de atenção, como proposto pelo PlanificaSUS (Pereira, Gryscek & Hidalgo, 2021). Apesar dos desafios éticos e estruturais apontados por Saito e Zoboli (2015), é urgente que a APS assuma um papel mais ativo na oferta de cuidados paliativos, promovendo uma abordagem que valorize a vida até seus momentos finais, com respeito, empatia e humanidade (Mendes et al., 2019).

2.4 Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros nos Cuidados Paliativos

Muitos enfermeiros que atuam em cuidados paliativos (CP) ainda se sentem despreparados para lidar com situações delicadas como a morte e o sofrimento. Isso acontece, em grande parte, porque a formação na área da saúde continua muito voltada para a cura, sem

dar espaço suficiente aos aspectos emocionais e espirituais do cuidado. Como afirmam Ferreira et al. (2018) e Silva Júnior et al. (2019), essa ausência de preparo pode causar frustrações, especialmente quando os profissionais percebem que seu papel não é mais “curar”, e sim aliviar a dor.

Outro desafio importante é o funcionamento das equipes. Nem sempre há diálogo e cooperação entre os profissionais envolvidos. Segundo Azevedo & Pfeil (2019) e Silva et al. (2013), a comunicação falha e a tomada de decisões centralizada nos médicos podem limitar a autonomia dos enfermeiros e gerar conflitos no dia a dia. Isso tudo acaba interferindo na qualidade do cuidado oferecido aos pacientes.

A carga emocional também pesa bastante nesse tipo de trabalho. Estar perto de pessoas em sofrimento constante, muitas vezes à beira da morte, mexe profundamente com o psicológico dos enfermeiros. Quando falta suporte emocional, o risco de desgaste é alto. Borba et al. (2020) e Neves et al. (2020) destacam que, sem acompanhamento adequado, muitos profissionais acabam encontrando formas pouco saudáveis de lidar com a rotina, o que prejudica tanto a saúde mental quanto o atendimento prestado. O incentivo a práticas como o autocuidado e a criação de grupos de apoio pode fazer diferença.

Além disso, a comunicação com as famílias dos pacientes é algo que exige habilidade. Não basta dar informações — é preciso saber escutar, acolher e, acima de tudo, respeitar o momento que cada um está vivendo. Correia et al. (2012) e Campos et al. (2020) lembram que as famílias também passam por um processo de luto, muitas vezes silencioso, e o apoio da equipe de enfermagem é essencial para que esse momento seja vivido com mais serenidade.

Falta ainda uma base mais sólida para sustentar o trabalho dos profissionais que atuam com CP. De acordo com Azevedo & Pfeil (2019) e Silva & Arrais (2015), ainda são poucos os investimentos em capacitação continuada e protocolos claros. O que se vê, na prática, é uma carência de políticas públicas voltadas para a valorização dessa área, o que dificulta o fortalecimento das ações paliativas no país.

2.5 Papel do Enfermeiro nos Cuidados Paliativos Oncológicos

O enfermeiro tem um papel muito importante no cuidado de pacientes oncológicos que estão em tratamento paliativo. A ideia principal desse tipo de cuidado é aliviar o sofrimento da pessoa, olhando para ela como um todo — não só a parte física, mas também emocional, social

e espiritual. A Organização Mundial da Saúde reforça essa abordagem mais humana e completa do cuidado (Murta, 2018). Como estão presentes o tempo inteiro, os profissionais de enfermagem acabam sendo figuras centrais nesse processo, ajudando a manter o conforto e respeitando as particularidades de cada paciente (Vasques et al., 2014; Moraes et al., 2018).

Mas cuidar vai muito além da técnica. Nesses momentos mais delicados, saber conversar com clareza e sensibilidade é essencial. O enfermeiro precisa estar preparado para ouvir de verdade, acolher e orientar tanto o paciente quanto a família. Silva, Amaral e Malagutti (2019) falam sobre essa importância de se comunicar de maneira ética e empática, respeitando sempre os desejos e os limites das pessoas envolvidas. Isso cria uma relação de confiança que faz diferença.

Outro ponto importante é o trabalho em conjunto com outros profissionais da saúde. O enfermeiro costuma ser quem está mais próximo do paciente, e isso faz com que ele tenha grande parte da responsabilidade nas ações do dia a dia. Roth e Canedo (2019) dizem que a enfermagem responde por cerca de 60% da assistência nesses casos, o que mostra como esse cuidado direto é essencial para oferecer mais qualidade de vida.

Também é fundamental que o enfermeiro entenda a experiência pessoal de quem está passando por um câncer. O cuidado não pode ser algo automático. Santos (2009) lembra que é preciso ver o paciente como um ser humano com sentimentos, medos e histórias. Boff (2013) reforça que, quando o cuidado vira rotina fria, ele perde o sentido. Por isso, escutar com empatia e respeitar as escolhas da pessoa é algo que não pode faltar.

É preciso destacar que muitos profissionais ainda se sentem inseguros para atuar nessa área. A formação durante a faculdade, muitas vezes, não aborda com profundidade o tema dos cuidados paliativos. Brandão et al. (2017) e Carvalho et al. (2017) apontam essa falta de preparo. Já Walker (2019) defende que investir em educação continuada é o caminho para garantir um cuidado mais eficiente e mais humano.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de reunir informações já publicadas sobre a atuação dos enfermeiros no cuidado a pacientes oncológicos em cuidados paliativos, com foco no manejo da dor e no suporte

emocional. Esse tipo de revisão permite reunir estudos diversos, possibilitando uma compreensão mais ampla do tema em questão (Souza; Silva; Carvalho, 2007).

A busca pelos materiais foi feita em bases de dados reconhecidas na área da saúde, como SciELO, LILACS e BDENF e também no Google Acadêmico. Para garantir a relevância das informações, foram selecionados somente os materiais que estavam disponíveis na íntegra, publicados em português ou inglês, no período de 2008 a 2024.

Foram incluídos artigos científicos, publicações institucionais, livros e diretrizes de órgãos oficiais que tratassem diretamente da assistência de enfermagem em cuidados paliativos oncológicos. As publicações precisavam abordar, de forma clara, o papel do enfermeiro no alívio da dor e no cuidado emocional ao paciente em fase terminal.

Entre os critérios de exclusão, foram desconsiderados os materiais que não estavam disponíveis completos, que tratavam de outros tipos de assistência fora do contexto paliativo, artigos duplicados nas buscas e textos sem respaldo científico, como opiniões pessoais ou ensaios sem revisão por pares.

A seleção do material foi feita manualmente, a partir da leitura dos títulos e resumos, e posteriormente, dos textos completos. Os conteúdos escolhidos serviram de base para a construção de uma visão geral sobre como a enfermagem tem atuado nesse campo tão sensível e importante dentro da área da saúde.

2114

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos materiais selecionados evidenciou a relevância do papel do enfermeiro na assistência a pacientes oncológicos em cuidados paliativos, com ênfase no controle da dor e no suporte emocional. Consoante a Bergamasco e Ângelo (2021), a presença acolhedora do enfermeiro tem um impacto significativo na redução do sofrimento, criando um ambiente mais humanizado. Vasques et al. (2014) também ressaltam que a proximidade do enfermeiro contribui positivamente para o enfrentamento do processo de terminalidade pelos pacientes.

Outro aspecto frequentemente abordado nas publicações refere-se à importância da escuta ativa e do vínculo entre enfermeiro, paciente e familiares. Segundo Silva, Amaral e Malagutti (2019), a comunicação empática facilita o respeito aos desejos do paciente e reduz a ansiedade em relação ao processo de terminalidade. Em uma linha semelhante, Campos, Silva

e Silva (2019) destacam que a escuta atenta e o acolhimento são fundamentais para garantir um ambiente emocionalmente seguro.

As estratégias utilizadas na assistência variam desde orientações sobre o uso de medicamentos (Costa e Othero, 2014) até o simples ato de presença, como observam Murta (2018) e Forte (2012), evidenciando que atitudes aparentemente simples podem fazer uma grande diferença no conforto físico e emocional dos pacientes.

No entanto, desafios persistem na prática assistencial. A escassez de treinamentos específicos para cuidados paliativos é um ponto levantado por Ferreira et al. (2018) e Silva Júnior et al. (2019), o que impacta negativamente na qualidade da assistência prestada. Além disso, Dande et al. (2022) indicam que a sobrecarga de trabalho nos ambientes hospitalares é um fator limitante para a implementação efetiva de cuidados centrados no paciente.

Neste contexto, o apoio institucional e o fortalecimento da formação contínua são apontados como elementos cruciais para a valorização da equipe de enfermagem. Brandão et al. (2017) e Carvalho et al. (2017) argumentam que a capacitação constante é essencial para o desenvolvimento de habilidades técnicas e emocionais necessárias no cuidado paliativo.

Cabe ressaltar que o cuidado paliativo oncológico exige do enfermeiro não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade, empatia e preparo emocional. Boff (2013) destaca a importância de um cuidado fundamentado na ética da compaixão, enquanto Santos (2009) enfatiza a necessidade de considerar a singularidade de cada paciente no processo assistencial.

Os achados desta revisão reiteram a urgência de expandir as políticas públicas e diretrizes que reconheçam a complexidade desse tipo de cuidado e que proporcionem suporte adequado à prática da enfermagem. Nesse sentido, documentos como a Resolução nº 41/2018 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018) e as orientações da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021) servem como guias para a implementação de melhorias nos cuidados paliativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cuidado com pacientes oncológicos em fase paliativa exige dos enfermeiros não apenas habilidades técnicas, mas também um olhar sensível e humano diante do sofrimento. Nesse contexto, o manejo da dor se torna uma das prioridades da equipe de enfermagem, pois impacta diretamente na qualidade de vida do paciente. Para isso, os profissionais utilizam estratégias que vão desde a administração correta de medicamentos analgésicos até a observação contínua

dos sinais não verbais de dor, buscando sempre individualizar o tratamento conforme as necessidades de cada pessoa.

Além do controle da dor física, o enfermeiro desempenha um papel essencial no apoio emocional ao paciente e à sua família. É comum que, diante do diagnóstico de câncer em estágio avançado, surjam sentimentos de medo, tristeza e até mesmo desesperança. Nessas situações, a escuta ativa e o acolhimento empático são ferramentas fundamentais. Ao estabelecer uma relação de confiança, o enfermeiro ajuda o paciente a lidar melhor com suas emoções, contribuindo para um enfrentamento mais sereno da doença.

Outro aspecto importante é a comunicação clara e honesta com o paciente, respeitando seus desejos, crenças e limites. O enfermeiro atua como ponte entre a equipe multiprofissional e o paciente, esclarecendo dúvidas, explicando procedimentos e oferecendo suporte nos momentos mais difíceis. Essa presença constante e atenta transmite segurança, reduz a ansiedade e fortalece o vínculo terapêutico, o que é especialmente valioso em situações de fragilidade emocional.

Por fim, é fundamental que o enfermeiro também cuide de si, pois lidar com o sofrimento alheio de forma contínua pode gerar desgaste físico e emocional. A capacitação constante, o apoio da equipe e momentos de escuta entre os profissionais são formas de manter a saúde mental em dia e garantir que o cuidado prestado seja sempre ético, humano e eficiente. Assim, o enfermeiro se torna uma peça chave no alívio do sofrimento e na promoção de dignidade durante a fase final da vida.

2116

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). Manual de cuidados paliativos. Rio de Janeiro: ANCP, 2012

AZEVEDO, D.; TOMMASO, A. B. G.; BURLÁ, C.; SANTOS, G.; DIAS, L. M.; PY, L. et al. Vamos falar de Cuidados Paliativos. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2015.

BERGAMASCO, R. B.; ANGELO, M. O. O sofrimento de descobrir-se com câncer de mama: como o diagnóstico é experienciado pela mulher. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 47, n. 3, p. 277-282, 2021

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

BRANDÃO, M. C. P. et al. Cuidados Paliativos do enfermeiro ao paciente oncológico. *Revista Brasileira de Saúde Funcional*, v. 1, n. 2, 2017. Acesso em: 23 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018. Estabelece as diretrizes para a organização dos cuidados paliativos no âmbito do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Cuidados paliativos na atenção domiciliar: Melhor em Casa. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Cuidados Paliativos. Brasília: Ministério da Saúde, 2020

CAMPOS, V. F.; SILVA, J. M.; SILVA, J. J. Comunicação em cuidados paliativos. *Rev. Bioét.*, v. 27, n. 4, Brasília, out./dez. 2019. Disponível em: Comunicação em cuidados paliativos.pdf. Acesso em: 12 abr. 2025

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução nº 564/2017. Atualiza e estabelece normas para a atuação da equipe de enfermagem em cuidados paliativos. Brasília: COFEN, 2017. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html. Acesso em: 14 abr. 2025

COSTA, Ana; OTHERO, Marília. Reabilitação em cuidados paliativos. Luso didacta Soc. Pot. De Material Didático, Ltda, 2014

DANDE, G. M. S. et al. Assistência de enfermagem às pessoas em tratamento oncológico, nos serviços de saúde, na emergência da Pandemia Covid-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 4, e10002-e10002, 2022

FINN, L.; MALHOTRA, S. The Development of Pathways in Palliative Medicine: Definition, Models, Cost and Quality Impact. *Healthcare*, v. 7, n. 1, p. 22, 2019

FLORIANI, C. A.; SCHRAMM, F. R. C. Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, n. 1, p. 139-147, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Msh3rPgZHNv3nZ4BWRM4HJD/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2025

FORTE, D. N. Doze dicas para um atendimento humanizado. *Rev Med (São Paulo)*, v. 91, n. 3, p. 5009, 2012

HOFFMANN, J. P. et al. A compreensão dos profissionais da saúde sobre cuidados paliativos na atenção básica: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 18, n. 45, e4552, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). O que é câncer. Disponível em: gov.br

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). O que é câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer>. Acesso em: 27 abr. 2025.

KLAUMANN, P. R.; WOUK, A. F. P. F.; SILLAS, T. Patofisiologia da dor. Biblioteca Digital de Periódicos, v. 13, n. 1, p. 1-12, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/avs.v13i1.11532>

MATSUMOTO, (2012). Cuidados Paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In: Manual de Cuidados Paliativos ANCP. Academia Nacional de Cuidados Paliativos. ANCP. www.paliativo.org.br/dl.php?bid=146

MENDES, É. V. et al. Planificação da atenção à saúde: guia prático para a organização da rede de atenção à saúde com base na atenção primária à saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2019. Disponível <https://www.paho.org/pt/documentos/planificacao-atencao-saude>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MENDES, Érika de Cássia; GONÇALVES, Renata de Souza; SOUZA, Maria Cecília de. *Em defesa dos cuidados paliativos na atenção primária à saúde*. Mundo Saúde, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 80-86, jan./mar. 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/defesa_cuidados_paliativos_atencao_primaria.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025

PEREIRA, A. G.; GRYSCHKE, G.; HIDALGO, L. C. A atenção domiciliar na atenção básica: o olhar dos profissionais de saúde. Saúde e Sociedade, v. 30, n. 1, e200249, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JGkMZrc4Q6tdhqzXv8LkJwp/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2025

2118

RIBEIRO, W. A. et al. Morte e Morrer na emergência pediátrica: a protagonização da equipe de enfermagem frente a finitude da vida. Revista Pró-UniverSUS, v. 11, n. 1, p. 123-128, 2020

RODRIGUES, Ligia Adriana; LIGEIRO, SILVA, Cristiane Michele da. Cuidados paliativos, diagnósticos e terminalidade: indicação e início do processo de palição. Revista Cuid. Art. Enfermagem, v. 9, n. 1, p. 26 jan./jun. 2015

SAITO, T.; ZOBOLI, E. L. C. P. Cuidados paliativos na atenção primária à saúde: uma revisão da literatura. Revista Bioética, Brasília, v. 23, n. 3, p. 580-591, 2015. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/1024. Acesso em: 14 fev. 2025

SANTOS, Edgard de Brito. A arte de cuidar: a experiência do cuidado no contexto hospitalar. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/651/1/santos_eb_tmp434.pdf. Acesso em: 18 mar. 2025

SANTOS, Franklin Santana (Ed.). Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Editora Atheneu, 2009

SANTOS, Lady Dayana da Silva. O cuidado de enfermagem paliativo ao paciente com câncer sob a ótica da complexidade. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Enfermagem)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22104/1/LadyDayanaDaSilvaSantos_Disse rt.pdf. Acesso em: 20 abr. 2025

SCHAEFER, C. P. Organização dos cuidados paliativos na atenção primária à saúde: um desafio ético e estrutural. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 2, p. 122-128, 2019.

SILVA, A. C. et al. Acesso e qualidade dos cuidados paliativos na atenção básica: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE*, v. 16, e246374, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/246374>. Acesso em: 11 mar. 2025

SILVA, Rudval Souza da; AMARAL, Juliana Bezerra do; MALAGUTTI, Willian. *Enfermagem em Cuidados Paliativos: cuidado para uma boa morte*. 2. ed. São Paulo: Martinari, 2019. 444 p. [ISBN: 978-85-8116-081-8]. Acesso em: 17 de abr. 2025

SILVEIRA, Maria Helena; CIAMPONE, Maria Helena Trench; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Percepção da equipe multiprofissional sobre cuidados paliativos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 3, p. 626-632, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002664966>. Acesso em: 15 abr. 2025

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D. B.; CARVALHO, R. F. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 15, n. 3, p. 502-507, 2007.

2119

TAVARES, Amanda Tamires Drumond Vilas Boas. O cuidado de enfermagem ao paciente oncológico em cuidados paliativos. 2021. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, 2021.

UGARTE, A. C. Global perspectives on palliative care. *Journal of Pain and Symptom Management*, v. 47, n. 1, p. e1-e5, 2014. Disponível em: [https://www.jpmsjournal.com/article/So885-3924\(13\)00454-1/fulltext](https://www.jpmsjournal.com/article/So885-3924(13)00454-1/fulltext). Acesso em: 14 abr. 2025

VASQUES, T. C. S. AL. Percepções dos trabalhadores de enfermagem acerca dos cuidados paliativos. *Revista Eletrônica Enfermagem*, v. 15, n. 3, p. 772-779, set. 2014.

WALKER, Mary Ellen. *Global Perspectives: palliative care around the world. Hospice Palliative Home Care And Bereavement Support*, [S.L.], p. 121-136, 2019. Springer International Publishing. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/978-3-030-19535-9_8. Acesso em: 23 de mar. 2025

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Palliative care*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>. Acesso em: 28 mar. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Cancer: risk factors*. Geneva: WHO, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/cancer>. Acesso em: 27 abr. 2025.